



Fundación Europea para el  
Estudio y Reflexión Ética

2

cadernos de  
**ética**  
em chave quotidiana

# ÉTICA E ESCOLA

COLABORA:



JUAN JOSÉ MEDINA RODRÍGUEZ  
M<sup>a</sup> ISABEL RODRÍGUEZ PERALTA

*cadernos de*  
**ética**  
en clave cotidiana

# ÉTICA E ESCOLA

DR. JUAN JOSÉ MEDINA RODRÍGUEZ  
DRA. M<sup>a</sup> ISABEL RODRÍGUEZ PERALTA

PROFESSORES DO CENTRO  
DE MAGISTÉRIO LA INMACULADA.  
UNIVERSIDADE DE GRANADA – 2014



cadernos de  
**ética**  
en clave cotidiana

**COORDENADOR DE**  
**“CUADERNOS DE ÉTICA EN CLAVE COTIDIANA”**  
— *Enrique Lluch Frechina*  
*Professor na Universidade CEU Cardenal Herrera*

**CONSELHO ACESSOR**  
— *Rafael Junquera de Estéfani*  
— *Antonio Fuertes Ortiz de Urbina*  
— *Luis Mesa Castilla*  
— *Marta Iglesias*

**DIREÇÃO – REDAÇÃO – ADMINISTRAÇÃO**  
— *Fundación Europea para el Estudio y Reflexión Ética*  
*C/ Félix Boix, 13 28036 Madrid (España)*  
*Teléfonos: +34 91 345 36 00/01 y +34 91 350 82 18*  
*www.funderetica.org | fundraising@funderetica.org*

**TRADUÇÃO**  
— *Margarida Ferrerira*

**MAQUETE**  
— *Anna Paola Guerrero Torlone*  
— *Ana Parra Muñoz*

**DEPÓSITO LEGAL: M - 19204 – 2013 ISSN: 2341-0388**

# Índice

<b>1. Introdução</b>	6
1.1. Educação ética para quê?	7
1.2. O que é isso da ética?	10
<b>2. Ética e escola</b>	14
2.1. Algumas chaves educativas	14
2.2. O educador	20
2.3. Formar o caráter	23
2.4. O diálogo	26
2.5. Liberdade e autonomia	28
2.6. Uma corrida de obstáculos	31
2.7. Solidariedade	33
2.8. Teonomia	36
2.9. Autoridade	38
2.10. Felicidade e alegria	40
2.11. Amor	42
2.12. Vocação	44
<b>3. Uma proposta concreta. O inquérito pedagógico</b>	47
<b>4. Em jeito de conclusão</b>	49
<b>5. Bibliografia</b>	52

## 1. Introdução

Abordamos nesta reflexão um fluir ordenado do pensamento em torno de temas da educação ética e da escola sem grandes pretensões de sistematicidade.

*A ética é a  
resposta do  
homem à  
iniciativa divina.*

Não é objetivo do estudo presente nesta reflexão adentrarmo-nos no apaixonante mundo da fundamentação filosófica ou teológica da ética. Nesse caso, remetemo-nos ao primeiro número desta coleção<sup>1</sup>, que situa perfeitamente no terreno da ética, a primeira iniciativa na Graça divina como dom provocador de Deus ao homem; nós iremos ao encontro do papel posterior, ou seja, a resposta livre do homem a essa provocação de Deus.

*Gloria dei vivens homo*, 'a glória de Deus é que o homem viva' afirmava S. Ireneu<sup>2</sup>. Essa vida do homem é o objeto da moral aplicada que nos ocupa; e neste caso em referência ao âmbito educativo-formativo-escolar.

*Perante a  
emergência  
educativa,  
responsabilidade  
autônoma.*

A nossa intenção é facilitar um diálogo permanente a partir da paixão pela educação e o repto de responder a essa tão necessária emergência educativa<sup>3</sup>. Se queremos fortalecer o processo educativo da sociedade, isso não se poderá conseguir a não ser à base de crescer no cultivo de uma responsabilidade e autonomia, que não a autossuficiência.

Como reflexão inicial trazemos um excerto da carta que um diretor de um centro

---

1 Sánchez de la Cruz, C. (2013) El don que transforma. Una mirada a la moral desde el carisma redentorista. Primer número de la colección 'Cuadernos de ética en clave cotidiana'.

2 Cf. tratado de san Ireneo, obispo, contra las herejías Libro 4, 20, 5-7.

3 Cf. Benedicto XVI Discurso a la asamblea diocesana de Roma. 2 de junio de 2007.

educativo norte americano escreveu aos novos professores que se incorporavam no mesmo. Dizia assim:

*“Querido professor: Eu fui vítima dos nazis, estive prisioneiro num campo de concentração. Os meus olhos viram coisas que ninguém acreditaria: câmaras de gás construídas por engenheiros cultos; crianças envenenadas por médicos muito bem-educados; bebês assassinados por enfermeiras bem formadas; mulheres e crianças queimadas e fuziladas por estudantes universitários e pessoas com formação superior. Por isso sou tão desconfiado da educação.*

*Não buscamos  
meros seres  
instruídos, mas  
sim pessoas.*

*O meu pedido para vós, novos professores, é o seguinte: ajudem os jovens estudantes a converterem-se em pessoas autenticamente humanas. Os vossos esforços não devem produzir nunca monstros muito instruídos, psicopatas educados, Eichman’s educadíssimos. Ler, escrever e aritmética são importantes, apenas se servirem para que os nossos filhos se façam mais humanos”<sup>4</sup>.*

### 1.1. Educação ética para quê?

O ponto de partida de todo o tratado de ética que se preze é a constatação evidente de que somos necessária, constitutiva e inexoravelmente seres éticos, dispostos a equilibrar e ponderar os nossos atos a partir da experiência condensada no nosso passado e nas perspectivas de futuro. E tudo isso em volta do que podemos considerar bom, desejável, ou, pelo contrário, mau e indesejável.

---

<sup>4</sup> Citado por Rodriguez, I. y Medina J. J. (2013) ‘Cuaderno de iniciación a la Encuesta Pedagógica’ Editorial Técnica AVICAM. Granada p 27; no contexto da educação e a responsabilidade.

*Investir na  
educação moral é  
colher qualidade  
de vida.*

É necessário aproveitar a força do vento para navegar, a força da natureza para planificar a nossa vida pessoal e social. Já que somos seres morais, detenhamo-nos nessa faculdade da nossa identidade. É uma chave formativa ou educativa importante, um trunfo que joga a favor ou contra o cálculo final na felicidade, convivência, solidariedade e justiça. É de senso comum: investir na educação moral é, no final, colher uma autêntica qualidade de vida ou vida de qualidade para todos.

*A visão do futuro  
amortiza o esforço  
educativo do  
presente.*

A educação moral é o melhor investimento sociopolítico, económico e cultural que se pode fazer num coletivo humano. Em certa ocasião, havia três pedreiros às ordens de um arquiteto. Alguém que passava por ali perguntou ao primeiro o que fazia, e ele respondeu: pico pedras. Perguntou ao segundo, que respondeu: faço os degraus da varanda. Quando foi interpelado, o terceiro respondeu: eu faço uma catedral. Só com visão de futuro, o todo ganha sentido e amortece-se o esforço presente, especialmente nas tarefas educativas.

Por isso devemos arrancar esta reflexão deixando assente que a educação ética não é só hipoteticamente necessária, mas também manifestamente rentável na poupança de doenças mentais e batalhas sociais. A falta de ética sai-nos cara em cotas de sofrimento e em dinheiro. As depressões éticas, a imoralidade e a desmoralização acabam por esmagar principalmente os mais fracos, as vítimas na sua pluralidade de versões.

É preciso consolidar a consciência moral, individual e coletivamente consideradas e para isso temos a educação formal, a não formal e a informal. Para esse objetivo contamos principalmente com a família e, especialmente, a escola.

Alguns perguntam-se o que tem a ver a escola e a educação ética com a hegemonia social dos bancos, a corrupção de muitos partidos políticos, a manipulação da consciência, o desinteresse crescente pelos 4/5 da humanidade reduzidos à miséria mais atroz, com a prostituição infantil e ou com a cultura da exclusão ou do descarte (como afirma o papa Bergoglio<sup>5</sup>). É preciso ver a relação entre tudo isso e o tom ético herdado no qual se possa articular a escola.

*A educação ética tem a ver com o todo social, político, económico e cultural.*

Alguns economistas neoliberais costumam afirmar que '*o que não são contas são contos*' (Cortina 2013 p. 19) e daí deduzem que a economia está à margem do resto das circunstâncias sociais e especialmente que não tem nada que ver com a virtude pessoal ou pública. Não obstante é pertinente afirmar com clareza que a vida pública está sustentada pelos valores morais; já Ortega y Gasset relacionava estreitamente o estar com a moral elevada ou desmoralizados, com possibilitar ou impedir que as pessoas e os povos atuem bem.

Perante as crises poliédricas costuma-se afirmar, não sem o seu quê de verdade, que 'todos somos responsáveis' ou que 'temos vivido acima das nossas possibilidades'. O certo é que não é equivalente o grau de responsabilidade dos deputados, dos pais de família, dos professores ou das organizações sindicais. Cada mastro que aguarde a sua vela e responda pelo que fez ou deixou de fazer, cada um a seu nível.

*Todos somos responsáveis pelo nosso mundo, (cada um a seu nível).*

São muitos os que estariam dispostos a encabeçar uma cruzada a favor da reconquista ética da sociedade através das forças vivas

<sup>5</sup> Cf: Bergoglio, J.M. (2013) *Educar Exigencia y pasión, Desafío para educadores cristianos*, CCS, Buenos Aires. E a Exortação apostólica Evangelii Gaudium, especialmente o n<sup>o</sup> 53 y 132-134.



com que possamos contar; por agora com a escola. É um dever prioritário poupar tempo, sofrimento e gastos fazendo a sós e com outros também, o que estiver ao nosso alcance. Não nos esqueçamos: a solidariedade é rentável e a educação solidária é o melhor investimento na saúde moral da cidadania.

### 1.2. O que é isso da ética?

Se ética é '*modo de ser*', caráter ou '*segunda natureza*', esta está formada por hábitos que podem ser bons (virtudes) ou maus (vícios) e que se constituem a partir da repetição de atos. Assim, a ética é a forja do caráter e, consoante resulte ou não essa construção, estaremos de moral elevada ou desmoralizados.

*O primeiro fundamento da ética é o amor gratuito.*

A perspetiva cristã, como afirma Carlos Sánchez<sup>6</sup>, manifesta que a ética nasce do dom e gratuidade de Deus, feito fundante e primigénio, que tem a iniciativa gratuita de irromper no mundo através da sua Graça superabundante, propondo a livre adesão ao amor, à justiça e à verdade. A questão coloca-se em dois momentos: acolher esse dom gratuito e entrar nessa dinâmica da gratuidade. Não se trata, portanto, de ideias, de correntes ou de tratados; é mais original e básico; trata-se de uma palavra de vida, convertida em história, em contemplação e em luta quotidiana pela fraternidade.

Essa ética dos fundamentos viu-se condenada a ter que prestar contas porque a evolução dos tempos e acontecimentos históricos foi-nos levando a uma confrontação secular com as realidades, disciplinas e assuntos humanos. Tivemos que responder a conflitos de

---

6 Cf. Sánchez de la Cruz, C. op. cit.

todo o tipo com feitos e condutas. Isso é a ética aplicada: os hábitos que incorporamos no nosso procedimento como opção de resposta histórica; particularmente aplicada ao universo da construção-desconstrução da educação.

Um perigo permanente é reduzir a ética ou moral a um conjunto de 'deveres'. Talvez seja esta perspectiva a que afugenta deste assunto os jovens e os não tão jovens. Assim, não devemos centrar o olhar no “que devo fazer?” mas sim “porque devo fazê-lo?” A ética dos deveres, a justiça dialógica, é a ética dos mínimos (mais universal); a da felicidade, dos ideais, a profética, religiosa, das bem-aventuranças, é a ética de máximos (mas particular<sup>7</sup>).

A ética de mínimos não é uma '*ética light*' ou '*mini-ética*'. Se se cumprissem os mínimos que essa ética propõe, funcionaria, de facto, como uma ética de máximos. Em algumas situações, a confrontação entre ética de máximos e de mínimos pode tornar-se contraproducente porque ao fim e ao cabo, falamos meramente de duas velocidades diferentes. Adela Cortina (2013), fala de '*mínimos morais a partir dos quais é possível construirmos juntos uma sociedade mais justa*'. Os educadores sabem bem o que significa isso de ter que adaptar, abrandar as expectativas. As normas morais são aquelas que obrigam uma pessoa e podem fazê-lo desde fora, leis, códigos impostos pela força ou pelo costume, ou desde a sua própria consciência, internamente. Se alguém viola essa norma, é a sua própria consciência que o sanciona e lhe provoca mal-estar.

Em termos educativos, devemos reconhecer que para completar o exercício moral

*Ética de mínimos  
vs. ética de  
máximos.*

<sup>7</sup> Cortina, A. (1986). *Ética mínima; introducción a la filosofía practica*, Tecnos, Madrid.

*Fortalecer a  
consciência da  
ética social e  
política.*

devemos contrariar o reducionismo da ética a uma mera moral pessoal, individual; é preciso fortalecer a consciência acerca da ética social e política. Por isso, um dos erros mais perigosos é separar a ética da política; não nos esqueçamos que o professor é um dos principais agentes políticos. A consequência desta separação é simples: aumentamos cada dia mais o exército dos idiotas morais (etimologicamente o *'que se desentende das coisas públicas'*).

A ética da pessoa pretende bons indivíduos humanos e a ética social e política procura boas relações e instituições, que, entre outras coisas, se caracterizam por funcionar bem ou mal à margem, em grande medida, das pessoas que as constituem.

*Pretensão de um  
consenso ético  
universal.*

Uma finalidade básica da reflexão ética é encontrar um lugar comum, esse espaço de consenso ético universal. Na idade média, ganhou força com a denominada “lei natural” e um pouco mais tarde “*direito de gentes*”; até à declaração de Chicago de 1993 em prol de uma ética mundial<sup>8</sup>; que curiosamente volta a apoiar-se em duas conhecidas sentenças: *'todo o ser humano deve ser tratado humanamente porque possui uma dignidade inviolável'* e o princípio kantiano de *'não faças aos outros o que não queres que te façam a ti'*.

As três grandes tendências da modernidade segundo Guillermo Roviroso (1987) são o individualismo ou *'endeusamento do eu'* perante Deus, o lucro ou *'culto do dinheiro'* capaz de vender a dignidade do homem; e o hedonismo ou o capricho como expressão máxima da permissividade, destronando a honestidade.

---

<sup>8</sup> Declaração do II Parlamento das Religiões do Mundo, celebrado em Chicago em 1993. Para uma ética mundial: Uma declaração inicial, auspiciada pela UNESCO.

Numa sociedade tão pluralista e multicultural como a atual, trata-se de procurar, como afirma Carlos Díaz (2004), uns mínimos nos máximos e uns máximos nos mínimos. Trata-se de somar, não subtrair, a fim de construir uma ética que supere intolerâncias de qualquer tipo. Sem procurar grandes complicações. *'A aceitação da ética cívica não se origina mediante um consenso superficial de pareceres, nem através de pactos sociais interessados: identifica-se com o grau de maturação ética da sociedade'* afirma M. Vidal (1984:34).

*A ética cívica é a maturação moral a sociedade.*

Possivelmente os valores sociais mais partilhados são a democracia, a autonomia individual, a dignidade de cada pessoa, os direitos humanos, a liberdade, a igualdade... Todos eles foram germinando na consciência coletiva do ocidente a partir do património cultural herdado.

Poderíamos resumir em quatro os *'mandamentos éticos'* comuns a praticamente todas as morais religiosas: a não violência e o respeito pela vida humana (não matarás); a solidariedade e procura de uma justiça económica (não roubarás); a tolerância e a procura da verdade (não mentirás) e a irmandade e a igualdade entre a mulher o homem (não prostituirás nem te prostituirás).

*Respeito pela vida, pela propriedade alheia, pela verdade e pela integridade física.*

Perante estas quatro chaves de uma ética partilhada cabe apontar três inimigos desse caminhar juntos - os dois primeiros, caricaturas da fé e o terceiro da razão: O fideísmo ou confessionalismo, que despreza e rejeita os não crentes pelo facto de o serem; o integristismo, que afirma que *'ou estás integralmente comigo ou estás contra mim'* e, em terceiro lugar, o laicismo, que nega ao crente o direito de opinar e participar na sociedade civil, reduzindo-o à sacristia ou à vida privada.

*Pensamento débil  
ou líquido vs.  
pensamento forte  
ou utópico.*

Perante este panorama temos, por um lado, os pós-modernos que negam até os mínimos como uma '*imposição autoritária da razão moderna*' e renegam qualquer tentativa de fundamentação ética, marcando-o como "pensamento forte" e reivindicando assim o "pensamento fraco"<sup>9</sup>. Agora denomina-se "líquido". Do outro lado estão os "*utópicos*" que desprezam tudo o que não seja "*exigir o impossível para ficarmos com o máximo*". Para eles tudo são descontos.

A. McIntyre (1987) quis acrescentar que todo este confronto entre éticas universais e particulares não leva a lado nenhum. Segundo ele, hoje falta-nos uma visão unitária do ser humano e remete-se aos gregos e aos medievais. A modernidade converteu a pessoa em mero sujeito de direitos, furtando-lhe os indicadores sobre os quais devem ser as suas virtudes e em que enquadramento devem ser desenvolvidas. Não restam dúvidas de que aqui entra em cena a educação, a escola como atriz principal.

## **2. Ética e escola**

### *2.1. Algumas chaves educativas*

*A escola precisa  
de uma tarefa  
profunda de  
autocrítica.*

A primeira tarefa desta educação ética que nos compromete a todos porque todos somos educadores, está em gerar confiança e simpatia pela verdade ética, e tal, através, primeiramente da reparação de erros cometidos. A escola precisa de uma primeira tarefa catártica e reparadora, isto é, reconhecer as falhas, as ausências, os vazios, as atitudes e feitos baseados na mentira, na aparência, na mera burocracia das formas, ou as vezes que fomos passivamente condescendentes com o poder, com

---

<sup>9</sup> Vattimo G. (2003). Nihilismo y emancipación. *Ética, política y derecho* ed. por S. Zabala, Milán, Garzanti.

o possibilismo ou com as modas pós-modernas do relativismo permissivo.

Não falamos de erros técnicos, de equívocos na eleição das estratégias de ensino-aprendizagem, mas sim no fundo da questão ética: a leveza que existe com os princípios éticos de defesa dos princípios democráticos e a priorização das vítimas, de todas as vítimas. Só assim se poderá recuperar a confiança múltipla: confiança institucional no corpo docente, confiança pessoal de cada educador em si mesmo e do resto dos agentes sociais, ou seja, pais e cidadãos no geral. Precisamente a confiança é o primeiro “recurso moral”, a pedra angular da saúde ética de uma comunidade; sem essa certeza mútua, gera-se um clima de suspeita, verdadeiro cancro social.

*Recuperar a confiança como primeiro recurso moral da escola.*

O valor propriamente moral da vida só é possível numa esfera de confiança mútua. Segundo a teoria do efeito Pigmaleão o professor fabrica a excelência e a pobreza escolar, seja ou não consciente. A fé, a confiança nas crianças e nos jovens é como a água, que fertiliza nelas as suas atitudes e talentos. E a desconfiança faz o contrário: seca-os, fá-los murchar. Segundo Nicolai Hartman (2011) *“a força moral que emana do crente é uma importantíssima força educadora. Pode tornar digno de toda a confiança o homem a quem essa confiança se dirige. A fé pode transfigurar o homem, para o bem e para o mal, segundo o que essa fé creia. Esse é o seu segredo. A fé do educador fortalece na criança as boas qualidades que pressupõe nele”*.

*Efeito Pigmaleão: o aluno tende a ser como se espera que seja.*

Portanto ajuda-se mais um aluno dando-lhe uma imagem positiva de si mesmo do que fazendo sobressair insistentemente os seus defeitos. Normalmente todos os seres se esforçam por parecer-se com a sua melhor imagem.

A seguinte chamada nesta tarefa de “remoralização” far-se-á desde a profissionalização dos docentes, a proposta inclui todos os educadores, estejam onde estiverem, desde a educação de infância até à educação superior, sem nos esquecermos das famílias, e de todos os âmbitos da educação não formal e informal ou cósmica.

*A armadilha para os educadores: a vista curta, a imediatidade.*

Os profissionais de educação encontram no assunto da educação ética um elemento da própria identidade enquanto educadores. É necessário clarificar a dúvida de que se trata de um acrescento supérfluo ou inclusivamente, de mais um tema. A visão curta é uma armadilha; vivemos imersos na necessidade de tomar decisões sem tempo de refletir. Assim, o quantitativo sobrepõe-se ao qualitativo na escola, ou dito de outro modo, o urgente relega o importante, primeiro para amanhã e depois fica condenado ao esquecimento.

*Medo dos professores de implicar-se eticamente.*

Uma tentação para os educadores é procurar refúgio numa suposta neutralidade a respeito dos conteúdos que possam ser polémicos e assim acabar por remeter unicamente aos procedimentos para evitar conflitos. Isto é o que temos feito, educadores, durante décadas, com medo de nos comprometermos, de deixar às claras o nosso código ético, ou simplesmente porque para uma organização pragmática e pluralista do ensino não vem ao caso falar de virtude, ideal ou comportamento ético. Contudo é necessário que os educadores do nosso tempo não procurem apenas desenvolver competências nos seus alunos, mas também que estejam dotados de comprovadas competências docentes.

A visão curta é uma maldição acompanhada de avaliações objetiváveis, de programações standardizadas, de falta de vontade

de tomar decisões difíceis e acabar por passar a batata quente de etapa em etapa, de casa à escola, e da escola a casa... para acabar por evidenciar (e as evidências não precisam de explicações) que a educação ética é a grande disciplina pendente.

Para robustecer o músculo ético é necessário proceder da mesma forma que com o resto dos músculos, ou seja: constância planificada, esforço e clima gratificante que faça ver que vale a pena, que se ganha mais do que se perde, que é preferível ser honrado que o contrário.

A tentação, fazendo o paralelismo com o desporto, é a dopagem: o atalho, o chegar a bons resultados aparentes poupando-nos ao duro processo. Um músculo ético à base de esteróides significa, na escola, não respeitar os passos na maturação da consciência moral, que segundo Marciano Vidal (1996) podemos resumir no seguinte processo: dos 0 aos 4 anos a anomia (sem normas ou referências éticas), baseado no prazer e na dor; dos 4 aos 12 anos, a heteronomia (a referência normativa vem do adulto que se converte em referência absoluta), sustentada nos princípios do prémio e do castigo; dos 13 até à idade adulta a socionomia como etapa baseada no princípio de autoridade entre iguais, onde o fundamental é pertencer a um coletivo e se assentam os princípios de aceitação ou exclusão; e por último a etapa própria da idade adulta, da autonomia, onde as decisões se sustentam sobre a responsabilidade pessoal e coletiva, onde se aprende a resolver situações de maneira individual mas sobretudo em comum, democraticamente. Não nos enganemos, a educação ética é como cultivar dragões ou sequoias, mede-se em gerações, não em anos de curso ou trimestres.

*Reparos institucionais e burocráticos a programar e a avaliar a ética na escola.*

*Educar eticamente é formar a consciência.*



A estimativa moral consiste na combinação de inteligência, consciência e vontade do bem: inteligência como capacidade de ver realmente o que se passa, estarmos a par do que acontece e reconhecer as suas causas; consciência sendo a capacidade de relacionar e a força que nos impele a atuar com autenticidade; vontade do bem sendo o desejo de fazer o bem, o compromisso pessoal. Nisto iremos centrar-nos com mais calma na última parte ou proposta final desta reflexão.

*Educar é  
fazer história  
e exige ir em  
contracorrente.*

A tarefa educativa apresenta graves limitações quando faltam os princípios morais ou se enfraquece o sentido do contexto. Nos tempos que correm, os centros educativos assemelham-se mais a baldes do lixo da sociedade onde vão parar os problemas por resolver. Hargreaves<sup>10</sup> diz que se está a produzir um pânico moral imenso perante a forma de preparar as gerações do futuro. Ou como afirma De Cardedal<sup>11</sup>, a educação é o primeiro problema moral da Europa.

*Entusiasmo,  
clareza de ideias  
e integridade,  
para educar por  
contágio.*

Esta educação de gerações precisa de entusiasmo, clareza de ideias, mas principalmente, precisa de integridade, coerência entre o que penso, o que digo e o que faço. Ligação entre estas declarações e realizações. É a única forma de superar as dualidades tão típicas das realidades farisaicas e que deram lugar aos

---

<sup>10</sup> Hargreaves, A. (1996). *Profesorado, cultura y postmodernidad*. Morata. Madrid. Analisa como está a mudar o ensino, e as opções e retos que se colocam ao professorado na era pós-moderna. Realiza uma exposição acessível e rigorosa da sociedade pós-moderna, das mudanças sociais e das transformações que se produzem no trabalho do professorado.

<sup>11</sup> González De Cardedal, O. (2004). *Educación y educadores: el primer problema moral de Europa*, PPC, Madrid. Mostra que ser hoje professor, educador bem como docente, é uma ocupação técnica e uma vocação pessoal.

moralismos ou discursos moralizantes: a esquizofrenia entre a teoria e a vida. O educador é uma referência moral, quer se goste mais ou menos, porque a ética verdadeira não é a que se aprende racionalmente, é a que se transmite por osmose.

A escola, portanto, não deve esquecer que dentro da sua tarefa deve encaixar os golpes da vida pública, reinterpretando, situando no seu sítio o que há de podridão, mesquinhez e delito público ou privado e, por outro lado, propondo como desejável o que deve haver, o que deve ser. Uma coisa é o que há, outra, bem diferente, é o que deveria haver. A educação não é outra coisa senão a gestão adequada essa tensão entre a realidade e as possibilidades.

Só assim se vai aprendendo a entender de forma crítica e a ressituar os comportamentos de instituições económicas, políticas, sociais ou culturais em relação aos princípios democráticos, de justiça universal ou de respeito pela vida e dignidade humanas.

É crucial que o educador recupere a sua autoestima como tal e deseje como algo prioritário formar-se nos prós e contras das instituições e suas dinâmicas muitas vezes inumanas e desumanizadoras. O enquadramento das instituições são as verdadeiras entranhas que constituem o sistema global do nosso mundo sociocultural e, no entanto, não somos ensinados nisso.

Em referência às instituições educativas é preciso reconhecer a quantidade de interferências que intervêm e que não têm nada a ver com os temas propriamente educativos: referimo-nos aos temas de lutas de poder, de tipo económico, manipulações políticas, de invejas e um sem fim de questões extra docentes que

*Educar é gerir a tensão entre o que há o que deve haver.*

*O educador necessita desenvolver-se entre as instituições.*

afetam institucionalmente o caminho dos Centros.

*Educar desde as instituições.*

Que não nos restem dúvidas: somos em grande parte o que as instituições fizeram de nós. Ao fim e ao cabo, toda a instituição, seja qual for, desde as pequenas como as famílias até às imensas como os organismos internacionais ou as multinacionais, deve passar o crivo: se constrói ou impede essa humanização pessoal e coletiva de cada um de nós.

Ou seja, há que habituar os cidadãos desde pequenos, desde a escola, a reconhecer se as instituições servem ao ser humano como fim ou se se servem dele como meio e em que medida o fazem. Um banco, uma ONG, uma cadeia de TV, uma empresa de carros ou um centro educativo, cumprem o seu objetivo de serviço à pessoa ou servem-se dela? Não digo que essa educação nos trilhos institucionais seja tarefa fácil, mas sim que é possível, desejável e necessário.

## *2.2. O educador*

*O mestre é ministro, servidor.*

A escola tende a reduzir-se ao conjunto de aulas e o professor ao ensinador; sintomas de uma educação sem alma. Contra-atacada por milhares de ofertas educativas, cantos de sereia maravilhosamente elaborados, escapates que nos assaltam por toda a parte. Apesar de tudo mantemos a pergunta: onde aprendemos humanidade? Se a educação quer competir com a imagem, as redes sociais e a vertigem das ruas no terreno destas, tem a batalha perdida de antemão.

O verdadeiro professor (ou mestre) por excelência é o que nos acompanha no desenvolvimento de todas as facetas da nossa vida

(não só as cognitivas) e a todas elas dá resposta. Como sublinha Carlos Díaz (2004), etimologicamente “magíster” deriva de “magis”, ou seja, o que se dedica a fazer com que o outro seja mais, e isto só se alcança fazendo-se a si mesmo menos (minus), convertendo-se, portanto, em “minister”, ministro ou mestre. Por esta perspetiva, o mestre é na realidade um servidor.

Quem está capacitado para reconhecer um professor? O ministro da educação? O reitor? O burocrata da delegação que faz a expedição dos títulos? A nomeação real e válida de professor só pode ser concedida gratuitamente pelo discípulo (aluno) e em muitas ocasiões os discípulos concedem-no à margem dos títulos e dos currículos.

O professor não deve ceder à tentação de fazer do discípulo um decalque seu, mas deve potenciar as virtudes mais elevadas e nobres que estão latentes no próprio jovem. É preciso despertá-las e pô-las a andar. Um professor é um autêntico tesouro. Realmente vivemos uma crise de professores, mais funda que a de alunos “confusos”.

Os pais de família e os professores tendem ao despotismo e ainda estamos longe de ser ministros, servidores dispostos a levar os filhos e discípulos sobre os nossos ombros, sobre a nossa consciência. E se dentro de uns anos nos encontramos com algum dos nossos discípulos e, olhando-nos nos olhos nos diz “não era suficiente a boa vontade”, que responderíamos? Devemos pensar nisso.

A educação não tem que estar ao serviço da criança de forma absoluta (ainda que seja politicamente correto), da mesma forma que a família não deve viver centrada no filho. Quem

*Crises de mestres dispostos a levar os discípulos sobre a nossa consciência.*

sabe a onda paidocêntrica, rousseauniana, tenha as horas contadas e o seu legado controverso seja difícil de superar.

*A sociedade, responsável por construir o seu futuro na escola.*

A sociedade também tem algo a dizer na escola, e nas famílias, não para pô-la ao serviço dos seus interesses, mas sim para exigir às instituições educativas que colaborem na tarefa que cabe à humanidade inteira e assim se implique na transmissão de valores e virtudes, em passar o testemunho vivo do legado da luta dos povos, a história da emancipação, de solidariedade. Os professores são os únicos que podem e devem libertar a educação, presa pelas necessidades do presente, e orientá-la para as chaves do futuro.

*O mestre, peça chave de referência e aposta pela virtude.*

Em última análise, ao educar exige-se que seja exemplo de atitudes nobres para os seus alunos, e que o seu exemplo seja a encarnação da melhor deontologia. Isto exige ao Educador que se posicione e que antes de guiar os outros, se guie a si mesmo através das virtudes. As quatro virtudes clássicas no ocidente são a força, a justiça, a prudência e a temperança, que de forma resumida, vêm a traduzir-se como o cultivo de um proceder honesto, justo e respeitador com o outro.

Chegados a este ponto, é preciso que todo o educador tome uma decisão: ou nos decidimos pela neutralidade e o emotivismo envolvido numa subjetividade fechada sobre si, ou optamos pelo teleologismo clássico onde a educação está prioritariamente para servir ao ser humano, reconhecem-se verdades perenes que por sua vez fundamentam certos valores que exigem condutas virtuosas. Nesta segunda opção, o educador deve dar a primazia aos valores que não se consomem com o tempo e que dão sentido ao resto das tarefas.

É conveniente não restringir referências de bons professores, a grande maioria anônimos (como os santos), ocultos, muito ligados ao cotidiano, à paciência infinita e à generosidade sem limites. Flashes, ao fim e ao cabo, todos eles, do grande mestre: Cristo.

*Os Mestres são lampejos do grande mestre: Cristo.*

Dentro dessa grande multidão de mestres exemplares, podemos citar alguns dos últimos séculos: Montessori, Milani, Freire, Manjón, Roviroso ou Korczak. Este último educador judeu, polaco, que morreu com os seus alunos por não os deixar sozinhos nas câmaras de gás.

### *2.3. Formar o caráter*

A educação moral não pode estar à margem da educação em geral; daí a grande pergunta é como dizia Menón a Sócrates num dos diálogos de Platão: “Podes dizer-me Sócrates, se pode ensinar-se a virtude ou simplesmente se adquire pelo hábito e o exercício? Ou se nem uma coisa nem a outra, senão que pertence à natureza dos homens?” Possivelmente nesta pergunta estão encerrados todos os ingredientes deste interessante “bolo” da educação ética, com o qual nutrir realmente, e não só adoçar, a vida social para que supere a sua crónica anorexia axiológica.

*Pode-se educar a virtude? Porquê? Para quê? Como?*

Utilizemos o bisturi com essa atrevida pergunta de Menón: fala de três possibilidades. Primeira: que a virtude pertença à natureza humana. Segunda: que se aprenda com a vida e com a experiência. Terceira: que seja fruto das estratégias de ensino-aprendizagem.

Desde uma perspectiva global diremos que não têm que ser exclusivas; tudo vale, as três chaves possivelmente interatuam e convergem na escola, e esta deve servir-se das três

vias para o seu grande objetivo de formar cidadãos livres, responsáveis e justos.

Correram rios de tinta sobre as bases da moral, sobre o duplo motor da educação ética. Qual é o fundamento para propor aos nossos alunos que sejam bons e não maus? De um lado está a reflexão deontológica, que afirma que a base é a educação do dever e das normas morais. A liberdade do homem está sujeita apenas à responsabilidade que lhe impõe a sua consciência. Os fins bons são o que faz com que nos devamos comportar bem.

*O dever ou a procura da felicidade como base da educação ética.*

Por outro lado, temos a opção eudemonista que propunha a educação como procura da felicidade. Apenas atuando com naturalidade e procurando o bem poderemos ser felizes e tudo o que nos proporcione felicidade mais profunda e duradoura melhor será.

Estas duas doutrinas éticas, o dever ou a felicidade, na realidade e face à prática educativa, podem-se converter em duas perspetivas da mesma realidade: a ética é a necessidade que todos temos intuitiva e naturalmente de viver num clima onde predomine a bondade, onde não se tratem as pessoas como coisas, onde não se defraude a confiança e onde se priorize a felicidade de todos. Certamente somos escravos da procura da felicidade, não há nenhum ser humano, nem pode haver, que não queira ser feliz. Aproveitemos essa procura que germina em todos e cada um dos humanos, que pertence à essência do seu ser, essa sede existencial, como ponto forte na sólida construção do sistema ético.

*Educação da virtude como formação do carácter.*

Quanto aos conteúdos básicos da educação ética, as referências clássicas falam-nos da “educação da virtude”. O que é a virtude e que diferença existe entre estas e os valores? As

virtudes são essas predisposições a fazer o bem que vamos assimilando no decorrer da vida, com vontade, esforço, valor e astúcia e que no se u conjunto formam o bom caráter.

Ainda que o português permita referir-se como virtuosa a uma pessoa que domina um instrumento musical ou uma vertente da ginástica, não é a isso que nos referimos quando falamos das virtudes como constitutivas do bom caráter: justiça, atenção, força, honestidade, solidariedade, alegria, valor e tantas outras.

Formar o caráter exige reconhecer as imensas possibilidades adormecidas no ser humano e ainda que os limites do sofrimento humano são tão fundos como os da solidariedade. Chega a ser significativo contemplar a importância da educação do caráter inclusivamente em condições ou situações extremas como a experiência de educação entre as presas de um campo de concentração (Póltawska 2011):

*No campo de concentração considerávamos que a morte era heróica e, talvez todas, ou pelo menos todas as que chegamos no mesmo comboio com o triângulo vermelho, as prisioneiras políticas, éramos capazes de morrer heroicamente (...) No entanto, é preciso dizer que as nossas companheiras mais velhas, em particular as nossas professoras, ocupavam-se de nós, as jovens (...).*

*Nas dificuldades, a escola precisa de recuperar a memória e o sentido.*

*Mais à frente, quando quase morria de fome, dei-me conta do quanto aquelas professoras nos queriam defender, precisamente de perdermos a humanidade. Salvou-nos a nossa mente, que naquela realidade horrível estava como que paralisada.*

*Aquelas mulheres, as mesmas que também estavam a morrer de fome, organizaram para nós, as jovens, uma escola – uma verda-*



*deira escola, ainda que sem livros nem lápis – para que não “perdêssemos tempo”.*

*A partir dos riquíssimos recursos da memória humana transmitiram-nos o que puderam. Aprendi história, matemática, física, geografia e, inclusivamente, anatomia, porque já a chegar ao final da minha reclusão no campo decidi que queria ser médico. Salvaram algo dentro de nós. (...) Uma humanidade dominada por uma força brutal capaz, porém, de conservar a sua liberdade interior.*

#### 2.4. O diálogo

*O diálogo, forma cooperativa de alcançar a verdade e o bem.*

A verdadeira formação de caráter não se pode fazer sozinho, isto é algo que foi confirmado por filósofos como o Sócrates, Platão, Aristóteles ou os Sofistas. O que está sozinho não pode encontrar nem o verdadeiro nem o conveniente ou justo, precisa de estabelecer o diálogo com outros para o ir descobrindo.

Numa determinada ocasião quatro cegos quiseram saber como era esse animal fantástico de que tanto tinham ouvido falar e propuseram-se a ir tocar no elefante. Cada um aceitou tocar-lhe numa parte e depois partilharam as experiências.

Num primeiro momento ficaram desconcertados: um afirmou que o elefante era uma grande coluna dura e firme (tinha-lhe tocado na perna), outro contradisse-o, afirmando que nem sequer era um animal, mas sim uma tela fina e suave (a referir-se à orelha), o outro disse que se tratava de uma grande porção de carne mole suspensa ao alto (descrevendo a barriga), ao que o último respondeu que nada disso: o elefante era um cilindro muito frio e alargado (a falar das presas). Todos tinham ra-

zão, mas nenhum dizia a verdade. A verdade estava no diálogo honesto que os levou a descobrir a parte de cada um num todo superador.

O diálogo converte-se numa ferramenta, no recurso por excelência; um fim básico e fundamental de enorme importância para alcançar outros fins..., por isso a escola deve investir imaginação e esforço em educar em, para e desde o diálogo. Isso implica aprender a ouvir, educar a forma de ver, cultivar a sensibilidade, valorizar o pequeno, o respeito pela dor alheia, que todo o ser humano me importe.

Pouco a pouco foram crescendo as publicações em torno da denominada ética dialógica ou comunicativa, especialmente desenvolvida pelos alemães Appel ou Habermas<sup>12</sup> que, preocupados com a justificação e fundamentação da ética numa sociedade pluralista e democrática como a atual, acabam por colocar a ênfase no procedimento para chegar, entre todos, a uma normativa moral universal.

Para eles, “diálogo” é o meio que nos resta para alcançar normas universais a partir de interesses e pontos de vista particulares. Esta corrente ética fundamenta-se, por um lado, na autonomia da pessoa, que confere ao homem o caráter de auto legislador e, por outro, na igualdade de todas as pessoas que lhes dá direito a procurar uma normativa universal mediante o diálogo. Para isso, todos os membros da comunidade se devem reconhecer reciprocamente como interlocutores com os mesmos direitos e devem ser obrigados a seguir as normas básicas da argumentação.

Os pontos mais conflituosos da ética dialógica remetem precisamente para essas reciprocidades, esse equilíbrio básico e a exi-

*Escutar é cultivar a empatia, a forma de olhar, que todo o ser humano me importe.*

*A ética do diálogo procura alcançar normas gerais de interesses particulares.*

<sup>12</sup> Cf. Cortina, A. (1986). Op. Cit.

*A virtude, o diálogo, a procura da felicidade, os sentimentos, valores ... e paciência.*

gência de umas condições tão ideais que quase que acabam por ser utópicas. Não obstante, devemos resgatar em forma de síntese, o verdadeiro interesse partilhado em ser justos. Não pedimos tanto as condições ideais que pede Habermas para o diálogo, mas sim esse “querer” como ponto de partida que desencadeie um encontro progressivo e carregado de possibilidades de crescer.

A virtude, o diálogo, a procura da felicidade são traços de toda a teoria ou prática éticas ao longo da história da filosofia. Com a passagem do tempo foram sendo incorporados outros elementos como a liberdade kantiana, os sentimentos ou “os valores” com tanta aceitação ultimamente.

Não podemos esquecer que como educadores devemos ter a paciência e a constância do sementeiro. O fruto final que pretendemos ao fim do tempo não é outro senão a formação do próprio caráter, que no final deve estar lavrado numa pessoa com consciência, sentimentos, inteligência e vontade, inserida numa comunidade com uma cultura concreta. E tudo isso sob um sentido da vida mais ou menos visível, que globaliza e orienta todo o resto.

## *2.5. Liberdade e autonomia*

“Moral” tem uma origem etimológica comum com a palavra “morada”, que vem de mos-moris, isto é, caráter, uso ou costume. Na realidade, nós, os seres humanos vivemos às costas dos nossos hábitos, resultado das nossas decisões e de um sem fim de influências e condicionantes que foram acumulando feitos e experiências em nós. O nosso caráter, o nosso comportamento, não está apenas nas nossas próprias mãos. As instituições, leis, tradições,

forjam hábitos bons ou maus que acabamos por tornar nossos.

Há toda uma corrente de forças, sinergias e preconceitos a influenciar permanentemente a transformação das populações ou dos indivíduos. Apesar disso, como dizia Sêneca, “há que converter-se num artesão da sua própria vida”.

*A ética pretende dar a cada um as rédeas da sua própria vida.*

A ética pretende dar a cada um as rédeas da sua própria quadriga, converter o sujeito num ser autónomo, tão autónomo (que não é independente) quanto seja possível e assim vencer os destinos predeterminados, o “fado”, que consiste num poder sobrenatural inevitável e que, segundo os seguidores do karma ou predestinação, guia a vida humana e a de qualquer ser a um fim não escolhido de forma necessária e fatal. As versões dos “astros do destino” foram muitos ao longo da história, substituindo esta visão pré-determinada pela genética, o deus-jogador, o determinismo social, o calvinismo empresarial, a economia... isso significa sempre a negação da nossa liberdade e assim não só se rejeitam as possibilidades do comportamento responsável, já que não sou eu quem deve responder pelos meus atos, mas responsabiliza-se essa anónima denominada educação em bloco.

Nós, sim decidimos, optamos e, apesar de todos os condicionantes, fazemos regras, escolhemos entre isto e aquilo, e, portanto, podemos e devemos responder, ser responsáveis. Isso significa que podemos mudar, sermos os sujeitos da nossa própria educação, somos em algum grau, livres e, portanto, faz sentido a ética. Aprende-se a ser livre sendo livre, exercendo a liberdade sempre no máximo das possibilidades. Como acontece com o exercício de um membro entorpecido do corpo, só recupera

*A liberdade torna-nos sujeitos da nossa própria educação.*

a sua mobilidade se for levado ao limite, não deixando partes por utilizar. Ganhando espaço à inércia e às rotinas, se vai tornando alguém dono de si mesmo, sempre ao máximo sem se ultrapassar.

*A liberdade  
educa-se  
exercitando-a,  
ganhando  
espaços de  
responsabilidade.*

Há uma educação que procura adequar os alunos para o mundo e para a sua lógica, e outra educação que pretende o contrário, formar pessoas que respondam adequadamente perante a lógica dominante com a lógica da virtude, esforçando-se por cultivar o caráter próprio com os seus ingredientes de reflexão e ação consequente, afrontando o futuro pessoal e coletivo. Superando a vertigem de saber-se fazedor da história.

A verdadeira virtude não consiste numa tarefa ortopédica, postiça, de transplantar ideias do professor, do pai, do livro ou das modas a uso. Não há um GPS ético-moral. Pelo contrário, trata-se mais de assentar em todos os contextos a coerência entre a justiça e o pensar, decidir, refletir, responder e atuar.

O que não só é possível, mas também é frequente, é que optemos por outra forma de diluir o nosso caráter ético, fragmentando-o em pedacinhos. E assim nos comportamos, somos diferentes em família, no trabalho, com os amigos, com o grupo dos domingos e com os de sexta à noite. Esta dualidade ética torna-se algo habitual desde pequenos, a mesma pessoa, em contextos e circunstâncias diferentes, atua de forma diferente perante o mesmo caso.

## 2.6. Uma corrida de obstáculos

O sociólogo Sennett, no seu livro ‘*a corrosão do caráter*’<sup>13</sup> faz-nos pôr os pés no chão com a descrição de como a sociedade neocapitalista torna praticamente impossível a formação do caráter.

*Prática educativa:  
adversidades,  
contradições,  
carências,  
contratempos.*

É frequente que a sala dos professores se converta num muro de lamentações coletivo, onde cada docente manifesta as adversidades, contrariedades, carências e contratempos derivados do seu trato com os jovens que lhe calharam; concluindo uma juventude desarraigada, desorientada eticamente e a impotência que gera no educador. Quanto daríamos por uma bússola que nos orientasse e um tonificador que nos desse forças sem termos vontade de atirar a toalha ou de nos render ao “não há nada a fazer!”

Contam que um manifestante se instalou diante do Capitólio nos Estados Unidos com alguns cartazes e aí esteve vários dias, semanas e ao fim de vários meses, um jornalista perguntou-lhe: E você acha que assim vai mudar alguma coisa? Ao que ele respondeu: Não, eu estou aqui não para mudar alguma coisa, mas sim para que não me mudem a mim.

*O educador e  
a sua “visão de  
longo alcance”,  
qual sementeiro.*

Para os educadores é condição necessária a pré-disposição para a educação moral, não só como algo necessário, positivo, exequível e desejável, mas também agradável e gratificante, pondo em prática a visão de longo alcance que os deve caracterizar. Devem preocupar-se mais em “semear, que depois outros colherão” do que em “colher”.

A ingenuidade neste campo pode pagar-se caro se não se toma consciência, se não

13 Sennett, R. (2000). *La Corrosión del carácter*, Anagrama, Barcelona.

se compreende a necessidade do longo prazo, querer ver resultados a curto prazo aparecem-nos recorrentemente como a principal dificuldade porque dispara o desânimo e a desmoralização do docente, e como por contágio ambiental converte-se num clima e até numa mentalidade paralisante.

*A provisoriedade em contexto académico impede o olhar para o horizonte.*

Na ética é bom e necessário ser metuculozo na estratégia e na tática. Aníbal teve que reconhecer na batalha de Cannas que os romanos quadruplicavam em número o seu exército cartaginês, e só assim pode adequar a sua estratégia militar e alcançar a vitória.

Portanto nada de enganar, ou o que é pior: autoenganar. A miopia económica, política e na educação, os relatórios trimestrais, ou anuais de ciclo, de centro, em que estamos submersos, abarca tudo. Eleições, avaliações (de alunos e/ou de professores) e de resultados a cada curto espaço de tempo. Tudo isso forja um carácter de provisoriedade no percurso educativo que impede de olhar para o horizonte, e sem olhar para o horizonte, para onde vamos?

*Não se deve desmoralizar quem deve educar moralmente.*

É recorrente o jogo de palavras sobre se a moralidade é ética ou cosmética. Quem sabe seja um pouco das duas. A cosmética é deixar-se levar pela mera aparência de melhoria, algo postiço, provisório. Descuidando o verdadeiro fundo, mais ainda, o tom, o desenvolvimento natural da educação. A maquilhagem volatiliza-se ao fim de pouco tempo, são cremes. Pelo contrário a ética é a forja do carácter, é algo duradouro como o feito em pedra, em ferro. Há um provérbio chinês que afirma que: "se tens em vista um ano planta arroz. Se tens em vista dez anos planta uma árvore. Se tens em vista cem anos, educa o teu povo". Mãos à obra.

Para todos os que sucumbiram à desmoralização ou estejam prestes a fazê-lo, lhes devia ser dito que a educação ética é como o desporto, não se sabe o que tem, mas a recompensa está basicamente no esforço de tentar superar-se a si mesmo, mais além do que os autoenganos, o desafio está na satisfação de olhar desde o cume e superar a própria marca, e isso inclui o treino duro e diário.

Objetivos de estratégia: o prazer da forja do caráter, o gosto pela luta solidária, o hábito do amor à verdade, o desafio da constância. E o que decidimos das pessoas vale para os coletivos, forjar um caráter que considere como um tesouro os melhores valores e opte pelas melhores virtudes é construir um povo, uma sociedade mais em linha com a pessoa, é multiplicar as possibilidades de ser felizes juntos, de educar a tribo inteira em vez de seguir a tática estéril de educar indivíduos isolados. As recentes reflexões a partir das comunidades de aprendizagem e a educação inclusiva concluem o mesmo: o que não se educa a partir de um grupo globalizado tem uma duvidosa efetividade a longo prazo.

*A educação deve ser sempre globalizante, integral, coletiva e entusiasmante.*

A pedra angular do amor e a forja de caráter como única resposta consiste em não pensá-lo sozinho, como o Mascarilha, como o Batman, o Super Homem... e todos os heróis a que estamos acostumados, mas sim em grupo. Já G. Roviroso afirma no “Elogio da pandilha” que só entusiasmo o que se faz em grupo, o que se ataca em equipa.

## 2.7. Solidariedade

Hobbes no seu livro ‘O Leviatã’ fundamenta a necessidade do homem em ser bom e incutir nos outros o desejo de o ser no mero



*Na história,  
a cooperação  
humana tem sido  
constante.*

egoísmo inteligente, que no final nos leva a levantar pactos sociais e a construir estados. Algo de verdade há nisto, porém estes pactos de conveniência não costumam ser muito estáveis nem duradouros e a longo prazo podem ter incorporado o logro do pacto nunca ser entre iguais. Nestes tratos e pactos jogam mais os que mais têm e precisam de substituir acordos por chantagens ou coações, e estes por repressão. Foi Darwin o que acabou este raciocínio ao falar da luta pela vida.

Para muitos outros na história predominou a cooperação pela existência, a solidariedade que responde à própria natureza humana que nos chama a esse cuidado pelos outros como algo consubstancial ao nosso próprio ser. Levamo-lo implícito na nossa identidade antropológica como seres relacionais; questão desenvolvida amplamente por E. Mounier<sup>14</sup>.

*Solidariedade é  
dar até que doa, é  
perder pelo outro.*

Perante o porquê dos seres humanos terem descoberto a solidariedade, dever-se-ia afirmar que *“a solidariedade não tem porque justificar-se, floresce porque floresce, como a rosa<sup>15</sup>”*. Não tem uma lógica matemática, tem razões que a razão não entende. Não obstante é bom não deixar esta solidariedade em mãos do sentimentalismo e do romanticismo, é preciso que a solidariedade esteja planificada, discernida, organizada com a cabeça fria para que seja realmente resposta válida às necessidades do outro.

Seja por egoísmo inteligente perante o instinto de conservação, por mandato divino, por imperativo categórico ou por exigência da

---

14 Cf. Calvo, A.; Dominguez, X. M.; Narvarte, L. (2002). La Revolución personalista y comunitaria en Mounier, Fundacion Emanuel Mounier, Madrid.

15 Rorty, R. (2010). *La solidaridad y el espejo de la naturaleza*, Cátedra. Madrid.

própria natureza, devemos ser solidários (de fazer-se “*sólido*” com o outro, de “*soldar-se*” com ele). É um princípio de vida, um critério de conduta que se objetiva naqueles que lhe deram vida, essa é a referência, o termómetro. “É dar até que doa!” diria Madre Teresa de Calcutá, “partilhar até o necessário para viver” disse o Papa João Paulo II; em definitivo, é “perder pelo outro”. Solidariedade é a expressão mais sublime do desprendimento e amor aos outros.

Se a solidariedade “bem entendida” começa por cada um, a mal-entendida acaba em cada um. Tem uma particularidade: nunca pertencerá a uma ética de mínimos, como a justiça por exemplo, senão de máximos. A justiça sim, é exigível a todo o mundo, a solidariedade só se exige ao que esteja disposto a acolhê-la como pauta de vida. A solidariedade deve ser uma dessas palavras que não devemos resignar-nos a ver como se diluem de tanto a manusear. “*É o tesouro dos pobres*” afirmava Jorge Bergoglio<sup>16</sup>; “só os pobres podem ser solidários”, atreveu-se a pronunciar Julián Gómez del Castillo, conhecido formador de militantes cristãos<sup>17</sup>.

Em certa ocasião um indígena dirigia-se às crianças da sua povoação: *em cada pessoa há dois lobos que convivem no mais profundo de nós mesmos: o da maldade, mentira e ódio, num canto, e no outro, o da esperança, solidariedade e verdade; cada um deles descrito minuciosamente para assombro e deleite dos pequenos. No fim, um dos miúdos perguntou: “avô, qual dos lobos crês que acabará por ganhar?” ao que ele respondeu: “aquele que melhor alimentares”.*

*Toda a solidariedade começa pela justiça e acaba na generosidade maior.*

16 Cf. Discurso do papa Francisco aos embaixadores, 16 de maio de 2013.

17 Cf. VVAA (2006) J. Gómez del Castillo, militante cristiano pobre, Id y Evangelizad. Madrid.

Os exemplos conseguem que o exemplar seja desejável. É fundamental estudar cuidadosamente que modelos de conduta se proclamam nos nossos Centros como referência, como paradigma.

*A melhor lição de solidariedade são exemplos de vida como Iqbal.*

Devem ser próximos, mas que suponham retidão, desafio, provocação. Como e quem são os padrões de identificação dos jovens das nossas aulas, dos nossos filhos, dos jovens dos nossos bairros?

Da resposta a essa pergunta deve resultar um plano concreto de estruturação de modelos de atuação que suponham entusiasmo pela solidariedade. Iqbal Masih<sup>18</sup> foi um jovem paquistanês, escravizado desde os quatro anos, até que conseguiu a libertação e se comprometeu na luta contra a escravidão infantil; formou uma associação com outros jovens contra a máfia das tapeçarias. Acabou por ser alvo de ameaças e difamação até que o mataram, num domingo de Páscoa de 1995. Hoje em dia é referência para muitos jovens e educadores de todo o mundo. Em sentido estrito, só a consciência autónoma tem valor moral. Por isso deve ser o horizonte de todo o educador que se preze como tal, isto é, aspirar à autonomia do educando e que, mais ainda, o discípulo supere rapidamente o mestre, o educador em consciência moral e autónoma.

*El horizonte de toda a educação moral deve ser a consciência autónoma.*

## 2.8. Teonomia

A autonomia moral plenifica-se como autonomia teónoma. A autonomia humana é condição necessária para o exercício da ação moral adulta, mas não é suficiente. A verda-

---

18 Cf. Grijalvo E.; Rodriguez, E.; Marijuán J. (1997) Iqbal Masih, *cuando la juventud lucha por la justicia*, Voz de los sin Voz, Madrid.

deira suficiência provém de Deus, em última instância a ação ética só pode fundamentar-se incondicionalmente por um “incondicionado”, por um absoluto que não acabe por remeter à própria subjetividade humana.

Só Deus pode fundar a radical autonomia humana sem a distorcer, sem a deformar. Ele seria, portanto, o suporte primordial, fundante e catalisador de toda a realidade; também da nossa conduta, da nossa procura pela felicidade, da realidade ética. Deus seria o absoluto “dever ser”. Por autonomia das realidades terrenas entendemos que as coisas criadas e as sociedades gozam de leis e valores próprios que o homem tem de descobrir, aplicar e ordenar paulatinamente. Conscientes que sem o criador, a criatura se dilui, pelo esquecimento de Deus a criatura fica obscurecida, afirma a *Gaudium et Spes* n<sup>o</sup>36.

E. Mounier propunha refazer o Renascimento de tal forma que a necessidade da autonomia humana só se entendesse como autonomia baseada “n’O Incondicionado”. Algo que já apontava o estoico filósofo-imperador Marco Aurélio do séc. I, quando afirmava “o privilégio do homem é fazer só o que agrada a Deus e aceitar com gosto tudo o que Deus lhe concede, em harmonia com a natureza”. Descobrimo que esse “gosto de Deus” não é caprichoso mas produto do amor mais depurado<sup>19</sup>.

Para Guillermo Roviroso<sup>20</sup> a pessoa encontra-se submetida a necessidades de ordem diversa, que se podem reduzir a três: 1) Necessidades de ordem material, que afetam basicamente a vida do corpo. 2) Necessidades de ordem moral, que se referem às potências da

*Só Deus pode fundar toda a Moral; é o absoluto “Dever ser”.*

*A educação ética e integral deve ter uma sólida raiz religiosa.*

19 Cf. Aurelio (2010). *M. Meditaciones, Gredos*. Madrid.

20 Roviroso G. (1997). *Cooperatismo integral*, Voz de los sin Voz. Madrid.

alma. 3) Necessidades de ordem sobrenatural no que se refere à vida eterna. Daí se conclui que quando falamos de educação devemos atender simultaneamente tanto ao aspeto intrinsecamente humano, como social e religioso.

### 2.9. *Autoridade*<sup>21</sup>

*A autoridade moral ganha-se com uma vida honrada e generosa.*

Se bem que é certo que a realidade social está hierarquizada, o hierarquismo é uma deformação inumana. Mounier afirma: “*numa organização personalista há responsabilidade de todas as partes, criação em todas as partes, colaboração em tudo; não há gente paga para pensar e outras para executar, e as mais favorecidas para não fazer nada. Mas esta organização não exclui a verdadeira autoridade, ou seja, a ordem ao mesmo tempo hierárquica e vivente, na qual a autoridade nasce do mérito pessoal e significa dar ao seu titular, não um suplemente de honras, de riquezas ou de isolamento, mas um acumular de responsabilidades*”.

Etimologicamente, “auctoritas” (autoridade), provém de augeo: conferir auge, ajudar, levantar; cujo prefixo é ‘auxi’ (auxiliar) e cujo sufixo é ‘auctum’ (autoridade). Por tanto, a autoridade leva na sua raiz a ação de ajudar, auxiliar, servir, levar o outro sobre os seus ombros. Ainda que em algumas ocasiões isso conduza a uma postura ou a uma palavra rígida, far-se-á, como diziam os clássicos, “com boas maneiras, mas com firmeza”. A autoridade deve servir para que o outro, o educando seja autor principal da sua própria autonomia, para isso serve a obediência. Assim, o discípulo “acredita-se”,

---

21 Diaz, C. (1995). *Diccionario militante*, Voz de los sin Voz, Madrid. (I) p 39.

adquire crédito (*creditum*), que em latim significa “*expressão de fé e, portanto, de confiança*”.

Portanto a autoridade supõe respeito para ser obedecido. A autoridade pode ser física (coativa) ou moral, esta última é a que nos interessa neste momento. A autoridade moral é aquela que te conferem os próprios aprendizes porque a tua conduta irrepreensível prévia é garantia da tua integridade moral. Aspiramos, portanto, como educadores, a essa autoridade moral, que ao conseguir isso já temos meio caminho andado para a educação ética.

A autoridade, como a liberdade ou o amor, ou se dizem no singular e na sua totalidade, ou se dizem mal. Assim, as liberdades acabam por ser aspirações que se concedem benevolmente pelo poder, os amores são namoricos e as autoridades tornam-se personalidades anónimas dispostas a chamar a si protagonismo, mas que não implicam nada moralmente.

O mesmo pensador anarquista Proudhon<sup>22</sup> acabou por reconhecer que a autoridade e a liberdade são dois princípios indissoluvelmente unidos, vazios de sentido um sem o outro. A meio caminho entre o autoritarismo (mais próprio dos líderes que mandam) e o permissivismo (próprio da ausência do educador) temos a autoridade do que conhece os seus, os respeita e anima (coloca a alma), do que acaba por “pagar” (assume os erros) pelo outro.

*Toda a autoridade deve favorecer a autonomia e o crescimento do discípulo.*

*Autoridade moral frente ao autoritarismo e ao permissivismo.*

<sup>22</sup> García V. (1981). *El Pensamiento de P. J. Proudhon*, Editores Mexicanos Unidos, México.

## 2.10. Felicidade e alegria

*Todos aspiramos  
à felicidade,  
necessariamente.*

Desde sempre nos perguntamos porque é que o objetivo principal de todo o curriculum não costuma constar entre os milhares de papéis de planos de centros, de ciclos, de aulas, nas leis e projetos educativos. Referimo-nos à felicidade e à alegria; desejo mais profundo de todo o homem; quem disser o contrário despreza a própria condição humana.

*Há muitas  
felicidades  
provisórias,  
alienantes.*

Como já dissemos: cada um pelo seu caminho, todos aspiramos, de alguma forma ao que os gregos chamavam “*eudaimonía*”. Kant afirmava que não era mais que uma utopia necessária, um “*ideal da imaginação*”, pode ser assim, mas ninguém pode deixar de esculpir a sua cidade ideal. Ainda que seja impossível vender felicidades pré-fabricadas “*prêt a porter*”, o certo é que tanto os estados como os mercados não deixam de tentar vender usando ideais.

*Na moral, a  
felicidade só deve  
cabem no âmbito  
da justiça.*

O inglês Jeremy Bentham (1748-1832) foi o pai do utilitarismo e chegou a afirmar o seguinte: “*Dar-lhes-emos uma felicidade silenciosa, humilde, a felicidade que convém às criaturas que eles são. Persuadi-los-emos para que não se tornem orgulhosos. Certamente que os faremos trabalhar, mas durante as suas horas de descanso organizaremos as suas vidas como se fosse um jogo de crianças, com canções infantis, coros e danças inocentes. Inclusivamente, permitir-lhes-emos o pecado sabendo que são fracos e desarmados. Estarão isentos da grande preocupação e da grande angústia que resulta da escolha por si mesmos. E todos serão felizes*<sup>23</sup>”.

Aristóteles, por sua vez diz que todo o mundo está de acordo sobre o quão importante

---

23 Cf: Diaz C. Op. Cit (III) p 20.

é a felicidade, ainda que cada um a descreva à sua maneira. A verdade é que, parodiando São João da Cruz, que afirmou que no final da vida examinar-nos-ão sobre o amor, do que não resta nenhuma dúvida é que todos passaremos a confirmação da felicidade.

Os estoicos foram os que diferenciaram basicamente entre a felicidade interior e a exterior; a primeira refere-se à contemplação do belo, do bom e do verdadeiro e a segunda é a que está à mercê das circunstâncias. A conclusão é que no final, a felicidade é diretamente proporcional à virtude e à forja do caráter e inversamente proporcional ao vício. A felicidade humana só pode concretizar-se no âmbito da justiça porque não se pode procurar a própria felicidade pondo em causa a felicidade alheia.

O pragmático americano William James chegou a afirmar *‘a felicidade é a prova da verdade’*. Essa verdade desencadeou que o sentir-se feliz justificará tudo. Como há gente para todos os gostos e para todas as felicidades, acabou por triunfar o relativismo e já sabemos: em tempos dúbios e de confusão há sempre quem se aproveite. O relativismo sempre joga a favor dos fortes. Na lei da selva ganha o que tenha o melhor veneno ou a maior força bruta.

Que plano podemos montar desde a educação para ir gerando uma resposta a este labirinto? Desde logo perder o medo de desmascarar com todo o descaramento as felicidades low cost e fazer ver que não vale a felicidade edificada sobre a coisificação dos outros. Arriscamos muito em cultivar essa sede de felicidade e de alegria sem que acabe em suicídio da própria consciência moral. Como educadores temos que realçar várias coisas: primeiro que os desejos de felicidade falam da nossa finitude e que aspiramos ao máximo, ao todo. A

*Acabaram por triunfar as felicidades do descartável.*

*É preciso que a escola cultive a sede de felicidade o mais profundamente possível.*



felicidade não sabemos se está ou não no final de algum caminho, mas o que é certo é que de alguma maneira já está nesse próprio caminho, no processo de descobrir e conquistar o mistério da vida, o amor e a verdade.

### 2.11. Amor

*O amor é a virtude que globaliza o resto.*

Numa reflexão sobre a educação ética seria uma imoralidade não dedicar um espaço ao sentido e alcance do amor. Sabe-se que a civilização ocidental se baseia em três pilares fundamentais: a razão grega, o direito romano e a caridade cristã.

*Ama e faz o que queiras. O amor a fundo perdido é a maior virtude.*

Para Homero o paradigma de excelência humana estava no guerreiro e sua força, para Aristóteles na amizade, para Descartes no seu raciocínio, para o utilitarismo dos nossos dias no lucro. Por outro lado, é conhecido o texto de Paulo (Coríntios 13): *“Ainda que falasse a língua dos homens e dos anjos, ainda que tivesse o dom da profecia e conhecesse os mistérios e toda a ciência, ainda que tivesse uma fé que movesse montanhas, ainda que repartisse todos os meus bens e entregasse o meu corpo às chamas, se não tenho caridade nada sou. (...) a caridade é paciente, serviçal, não é invejosa, não leva em conta o mal, alegra-se com a verdade, tudo espera, tudo suporta. Subsistem a fé, a esperança e a caridade, de todas elas a maior é o amor”*.

Apesar dos vinte séculos não é nada fácil encaixar isso do amor a fundo perdido. Nem Nietzsche, nem Marx, nem Freud conseguiram superar os esquemas da lei de Talião de olho por olho, que afinal de contas continua a reclamar a nossa forma de proceder desde o mais fundo dos nossos instintos.

S. Agustín definiu o amor como a virtude no geral: ‘*a virtude é a ordem do amor*’ com a sua célebre frase: ‘ama e faz o que quiseres’<sup>24</sup>. Para o bispo africano, a vontade reta é um amor bem dirigido e a vontade torcida é um amor mal dirigido. Quem ama não necessita de mais nenhuma virtude que não essa, já que a temperança é o amor que se reserva por inteiro ao que ama; a fortaleza é o amor que suporta tudo facilmente pelo amado; a justiça não é mais que o amor equilibrado, que ama o que necessita de ser amado; e a prudência é o amor no seu discernimento sagaz entre o que favorece e o que a estorva.

E. Fromm estuda a natureza do amor<sup>25</sup> nas suas diversas formas: amor de pai e de mãe, amor próprio, amor erótico e amor a Deus. Postula que os elementos necessários para o desenvolvimento de um amor maduro são o cuidado, a responsabilidade, o respeito e o conhecimento. Realiza uma análise do amor e o seu significado na sociedade pós-moderna e chega à conclusão de que esta tende a alienar o homem e a impossibilitá-lo de amar.

O amor é como a solidariedade ou como o arco-íris, podes aproximar-te dele cada dia mais, mas nunca chegarás a alcançá-lo totalmente. Os educadores devem prestigiar essa

*A sociedade pós-moderna tende a dificultar o amor pleno à base de sucedâneos.*

*É preciso educar no querer, saber e poder amar.*

<sup>24</sup> A obra da Dra. Mujica Rivas (2010) ‘*El concepto de educación en S. Agustín*’ Eunsa, Navarra, insiste em como o santo de Hipona supera a visão estoica do destino e a ciceroniana da perfeita autonomia da vontade humana, propondo o amor como ideia chave também na educação, que por sua vez inclui inteligência-verdade, sentimento e vontade pela justiça.

<sup>25</sup> Em ‘*El arte de amar*’ Erich Fromm postula que o amor é a resposta ao problema da existência pois rompe com a divisão-separação-solidão sem hipotecar a individualidade. Expõe as qualidades de um amor maduro: o cuidado, a responsabilidade, o respeito e o conhecimento.

forma de viver, de ser que incorpora com naturalidade o amor, a solidariedade como pausas ou critérios de comportamento quotidiano, conscientes de que sempre há outra volta para dar ao parafuso. Santo Ambrósio de Milão chegou a afirmar “*se tens mais do que aquilo que necessitas para te vestir e te alimentar, distribui-o entre aqueles que não têm e reconhece que és tu que estás em dívida para com eles.*”

*Educar é acompanhar no processo crucial de responder à vocação pessoal.*

O que é que impede de amar? Três obstáculos: o não querer, que tem a ver com a falta de generosidade; o não saber, que aponta para as caricaturas da caridade: o assistencialismo paternalista de dar com uma mão e roubar, ainda que seja legalmente, com a outra; e em terceiro lugar o não poder, que é sempre mentira porque como diz o refrão: quem quer, pode.

## 2.12. Vocação

*Ouve, o que queres ser quando fores grande?* É uma pergunta que já todos ouvimos e à qual já todos tivemos de responder em algum momento. A vocação não é um destino pré-desenhado por cima da nossa própria liberdade, nem um mero resultado tático de capricho/gosto/rentabilidade/conveniência. Vem do latim *vocare*, “chamada”, e de aí com-vocar, pro-vocar, re-vocar, in-vocar, e toda a chamada exige uma resposta.

*É preciso acabar com a indefinição e ensinar a tomar decisões.*

Podemos afirmar que basicamente a vocação é uma chamada universal à justiça, à fidelidade ao nosso próprio status de ser humano, é como uma chamada da nossa própria consciência, o nosso selo ético de qualidade. Só os seres humanos é que têm e são vocação. A vocação essencial de todo o homem é a de ser pessoa.

Quanto à educação ética é preciso recuperar essa chamada explícita, essa convocatória. A qualidade de toda a vocação vem dada pela qualidade da resposta, no compromisso pessoal à causa do homem e à adesão à causa humanizadora. A vocação vem a ser como a aposta pela fidelidade a um rumo. É um erro não apresentar aos jovens a vocação por falsos respeitos humanos, não os conduzir à própria tomada de decisões. Isso leva-nos a viver numa eterna indefinição e numa ambiguidade permanente. A educação ética passa por ensinar a decidir com o que isso implica de análise prévia e assunção de riscos, comprometimento.

Que a incerteza ou a dúvida não nos paralisem. Zubiri<sup>26</sup> afirmava no seu livro *'sobre o homem'* que só sabemos a nossa verdadeira vocação no final da nossa vida e que a maioria dos homens só vivem uma parte da sua vida. A vocação nunca está esclarecida de uma vez e para sempre. Tampouco é uma só, nem uma só coisa, ainda que certamente entre as vocações da pessoa costume existir uma dominante que é o motor do resto

*Vocação de estado, vocação profissional e a vocação para a justiça.*

Há duas vocações primárias, as denominadas *"vocação de estado"* e *"vocação profissional"*, e uma terceira globalizante e universal: a *"vocação para a justiça"*, que logo con-

<sup>26</sup> Zubiri, X. (1986) *'Sobre el hombre'*, Alianza, Madrid. Onde o filósofo espanhol recolhe de Ortega y Gasset o conceito de vocação: A vocação, escreveu Ortega, é uma *"palavra estupenda que descreve exatamente esta vozinha insonora que no mais fundo de nós nos leva a todo o instante a ser de certa forma. A vocação é o imperativo do que cada qual sente que tem que ser, portanto, o que tem que fazer para ser o seu eu autêntico. Com muita frequência ignoramos essa chamada vocacional, somos infieis a nós mesmos e, em vez de sermos, des-somos"*. Não elegemos a vocação arbitrariamente, nem nos é imposta: é algo que nos chama e que resolvemos livremente.

*A vocação é a síntese entre a própria generosidade e as necessidades alheias.*

cretiza livremente cada um no sector, âmbito ou aplicação que o levam às decisões próprias e circunstâncias da vida. Por definição é uma contradição falar de uma vocação que exclua os outros. Educar para responder implica educar a sensibilidade da virtude de escutar para responder com generosidade.

Escutar a dor próxima e longínqua, escutar as vítimas estejam onde estiverem. Educar para poder entender a beleza, o sofrimento, o gozo, a injustiça, incluindo a que se esconde por trás de figuras macroeconómicas. Isso implica educar na generosidade, na arte, na valorização do pequeno, do oculto; escutar os outros, evitando todo o tipo de ruídos.

Uma boa definição de vocação é o encontro entre as nossas possibilidades e as necessidades do outro. Isto leva os educadores a ter que propor aos jovens e crianças a empatia com os outros cada dia com mais força.

*Educar a vocação é contagiar entusiasmo.*

Educar a vocação é haver respeito pela parte dos pais e dos professores pelos tempos e ritmos do jovem. O tempo passa e não é possível fazer marcha atrás, o que não se fez numa certa idade é difícil que possa ser reparado mais tarde. Por isso é muito importante cuidar, mais do que os atos isolados, as atitudes, os processos de crescimento, de descobrimento, de maturação.

A vocação é uma tarefa perene, sem que devamos cair na péssima perspectiva de A. Camus<sup>27</sup> que descreve a nossa vida como uma eterna condenação a estar a começar de novo inutilmente. O qual levaria ao absurdo, ao vazio, ao desespero. Tem projeção de futuro.

---

<sup>27</sup> Camus, A. (2004). *El mito de Sísifo*, Alianza, Madrid.

A vocação tampouco é simplesmente uma declaração de princípios ou intenções, senão de realizações práticas. “*A tarefa ética não consiste simplesmente em projetar adequadamente, mas sim também em realidade cumpridamente o projeto*”, afirmou Zubiri<sup>28</sup> no seu livro *Ética*. As tentativas na tarefa educativa devem revitalizar a própria vocação como motivo de entusiasmo.

### **3. Uma proposta concreta. O inquérito pedagógico**

Não queremos que esta exposição termine de forma abrupta. Queremos expor como primeiro passo de uma proposta de formação da consciência e especialmente da consciência moral o método: ver, julgar e atuar. O denominado “Inquérito Pedagógico” (Rodríguez, M.I. 2011) é um método de formação que funde as suas raízes no movimento trabalhista que recolheu o cardeal belga Josef Cardijn (1882-1967). Chega a Espanha através de Eugenio Merino (1881-1953) e é Guillermo Roviroso (1897-1964) com a colaboração de Tomás Malagón (1917-1984) quem constrói um plano de formação baseado no inquérito sistemático.

O método de inquérito (Rodríguez, M.I. e Medina, J.J. 2010) é uma síntese entre o método didático e o método intuitivo, um conhecimento que nasce como fruto do conhecimento científico e o conhecimento quotidiano; ideal para trabalhar entre professores com jovens, inclusive com crianças do ensino básico.

Falamos da pedagogia do sentido comum, responder à necessidade, à carestia, às condições laborais, à doença, ... qualquer um

*O inquérito pedagógico: estratégia educativa para educar a visão, o julgamento e o modo de agir.*

*O método de inquérito é a pedagogia do sentido comum, da consciência.*

<sup>28</sup> Zubiri, X. (1986). Op. Cit.

pode encarar a realidade fazendo pesquisas de tudo o que lhe acontece: construir uma peça, arranjar uma máquina, remendar um rasgão, escrever uma carta, estar mal alojados, ter um doente em casa, ficar sem trabalho, etc.

*Criar hábitos individual e coletivamente na forma de ver, de analisar e de julgar.*

Através do método do ver-julgar-atuar, criam-se hábitos que se concretizam numa forma de aprender, mais além de meras formulações teóricas e académicas. Trata-se de um exercício com duas partes: primeiro pessoal e depois em equipa. Não se trata, por conseguinte, unicamente de escutar uma conferência ou lição de um professor, mas sim de que cada um reflita a partir das suas vivências e que o faça em equipa.

*Na educação ética é preciso diferenciar entre o pessoal, ambiental e institucional.*

O plano completo implica uma série de inquéritos pedagógicos desenhados numa sequência lógica. Cada inquérito deve estar ligado a todos os que o precedem e os que o seguem, proporcionando entre todos um processo dinâmico sobre toda a realidade, fazendo com que se desenvolvam as capacidades e se forme uma consciência crítica e ética. E tudo isso de uma forma coletiva e distinguindo os diferentes níveis: pessoal, ambiental e institucional.

*Clima de respeito pela liberdade e dignidade de todas as pessoas.*

A riqueza e complexidade do inquérito pedagógico torna necessário um espaço próprio noutra momento para introduzir e aprofundar adequadamente nesta metodologia prática da formação da consciência<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> Para aprofundar nos fundamentos, metodologia e aplicações do inquérito pedagógico Cf. A tese de doutoramento de Rodríguez, M. I. (2007) O método de inquérito como estratégia de aprendizagem. Uma experiência concreta na formação inicial do professorado. Universidade de Granada.

#### 4. Em jeito de conclusão

Procurando recapitular e sintetizar um esquema básico de compreensão sobre a ética e a escola propomos a seguinte ordem de critérios e princípios:

a. É preciso questionarmo-nos sobre as formas de vida: pensamentos, sentimentos e conduta. Considerar os objetivos e o sentido da nossa vida. Conhecimento e descobrimento de nós mesmos como pessoas. O que implica: vivência e clima que testemunhe o respeito pela liberdade e a dignidade de todas as pessoas desde a sua conceção até à sua morte.

*Educação integral, potenciação das capacidades e possibilidades adormecidas.*

b. Conhecimento, potenciação e consciência de tudo aquilo que nos forma e nos educa. Uma pedagogia da formação integral. O que implica: considerarmos: 1) o desenvolvimento das nossas possibilidades intelectuais (observação, a compreensão, a expressão – comunicação e a ação), 2) a manipulação mediática e das redes da informação, dos planos de estudo e o problema da verdade e a mentira do que aprendemos.

*Aprender a ser agradecidos e a desenvolver a gratuidade e a generosidade.*

c. Clima que propicie a correção das próprias deficiências. Consciência do mal que realizamos, do mau ambiente que projetamos em nosso redor. Aprender a pedir perdão. Hábitos auto-críticos.

*Aprender a ouvir, dialogar e cooperar, solidaria e autogestionariamente.*

d. Hábitos que propiciem o desenvolvimento das próprias possibilidades e aptidões. Consciência dos dons que recebemos, do bem que há à nossa volta. Aprender a ser agradecidos. Conhe-



*Adotar uma  
postura que se  
identifique com  
as vítimas, os que  
sofrem.*

*Reconhecer na  
religião o sentido  
e a plenitude da  
atitude ética.*

cimento e empatia pelos outros. Desenvolvimento de qualidade de serviço gratuito e desinteressado. Aprender a conviver, estudar. Trabalhar e jogar de forma solidária. Pedagogia do sentido autogestionário. Aprender a trabalhar em grupo e desenvolver o sentido social da existência. O que implica: 1) Aprender a ouvir. 2) aprender a dialogar. 3) aprender a colaborar ou cooperar. 4) aprender a ser responsável.

e. Conhecimento e consciência do mundo em que vivemos. Uma pedagogia da consciência crítica sobre a realidade. Considerarmos os grandes problemas reais que têm as crianças e os jovens hoje no mundo. Reconhecer as possibilidades e meios que há no mundo para poder viver fraternalmente. Valorizar a Natureza como escola de vida interdependente. Conhecer as grandes coordenadas históricas de libertação dos mais pobres. Desenvolver valores de identificação com as vítimas. Pedagogia da encarnação nos débeis: Isso implica: 1) A afirmação da verdade e a rejeição de toda a mentira e manipulação. 2) A afirmação da Justiça e a rejeição de toda a injustiça. 3) A afirmação da Solidariedade e a rejeição de tudo o que não é solidário. Sensibilidade perante tudo o que constrói ou destrói a convivência.

f. Abrir-nos ao encontro religioso cristão profundo, em liberdade, com naturalidade. Pedagogia do sentido religioso. O que implica: 1) experimentar os dons recebidos de todo o tipo: capacidades, pessoas, momentos, encontros, sentimentos, desejos, ... 2) acolher hábi-

tos de predisposição ao sobrenatural: o silêncio, a gratidão, o gratuito, a beleza nas suas múltiplas formas, a generosidade, o amor pela verdade... 3) Conhecer a fundo Jesus; aproximar-se da sua pessoa, da sua mensagem e da sua Igreja. 4) acolher e viver com normalidade todas as manifestações e expressões da experiência religiosa cristã: oração, símbolos, liturgia, sacramentos, ...

A ética na escola requer, em suma, entusiasmo (etimologicamente: 'en theos', estar preenchido por Deus) por ver em cada pessoa um todo original e irrepetível, por serem construtores do futuro, vivendo plenamente o presente e, assim se pode dizer dos alunos, dos discípulos, algo semelhante ao que se diz na popular e anónima definição de filho: Filho é um ser que nos emprestaram para um curso intensivo de como amar alguém mais que a nós mesmos, de como mudar os nossos piores defeitos para lhes dar os melhores exemplos e de como ter coragem.

*A educação moral continua a ser entusiasmante e um risco permanente.*

## 5. Bibliografía

- ALTAREJOS, F. (2002) Dimensión ética de la educación, EUNSA, Pamplona.
- CORTINA, A. (2013) ¿Para qué sirve realmente la ética?, Paidós, Barcelona.
- DIAZ C. (2004) Pedagogía de la ética social (Para una formación de valores), Ed. Trillas, México.
- DÍAZ-AGUADO, M. J. y MEDRANO, C. (1995) Educación y razonamiento moral, Ediciones Mensajero, Bilbao.
- DURKHEIM, E. (2002) La educación moral, Morata, Madrid.
- HARTMANN, N. (2011) Ética (Vol. 435). Encuentro.
- MACINTYRE, A. (1987) Tras la virtud, Editorial Crítica, Barcelona.
- NARANJO, R. (2013) Korczak, maestro de humanidad. Voz de los Sin Voz, Madrid.
- NÚÑEZ, L. ROMERO, C. (2003) Pensar la educación. Conceptos y Opciones Fundamentales, Ediciones Pirámide, Madrid.
- PIEPER, J. (2007) Las virtudes fundamentales. Rialp, Madrid.
- PÓLTAWSKA, W. (2011) Diario de una amistad, San Pablo, Madrid.
- RODRÍGUEZ, M. I. (2011) El método de encuesta, una pedagogía solidaria, Voz de los Sin Voz, Madrid.
- RODRÍGUEZ, M. I. y MEDINA, J.J. (2010): Fundamentos pedagógicos del método de encuesta, Davinci, Barcelona.
- ROVIROSA, G. (1987) La virtud de escuchar, Voz de los Sin Voz, Madrid.
- RUÍZ, M. (2003) Educación Moral: aprender a ser, aprender a convivir, Ariel, Barcelona.

- SALMERÓN, A. M. (2000) La Herencia de Aristóteles a Kant en la educación moral, Desclée, Bilbao.
- SPAEMANN, R., (2001) Ética: cuestiones fundamentales, Eunsa, Pamplona.
- VALADIER, P. (1995) Elogio de la conciencia, PPC, Madrid.
- VIDAL, M. (1984) Etica civil y sociedad democrática, Desclée, Bilbao.
- VIDAL, M. (1996) Estimativa moral: propuestas para la educación ética, PPC, Madrid.
- WANJIRU, CH. (1995) La ética de la profesión docente, EUNSA, Pamplona.

# ética

cadernos de  
**ética**  
em chave quotidiana

COLABORA:



C/ Félix Boix, 13 28036 Madrid  
fundraising@funderetica.org  
www.funderetica.org